

As “virações” em Manguinhos:
um estudo da influência do *topos* literário
em *A ceia dominicana: romance neolatino*,
de Reinaldo Santos Neves

The “Virações” in Manguinhos:
the Influence of Literary *Topos*
in *A Ceia Dominicana: Romance Neolatino*,
by Reinaldo Santos Neves

Ariel Sessa*

Apresentarei neste artigo a importância do *topos*¹ literário por meio dos descaminhos percorridos e pelas desventuras de Graciano Daemon, em *A ceia dominicana: romance neolatino*, de Reinaldo Santos Neves (2008), pelo espaço ficcional Manguinhos; como a construção narrativa se deu desde a chegada do personagem principal a esse espaço ficcional, além do seu percurso e ações. Para isso, farei recortes das partes da obra que evidenciam a tese de que os espaços ficcionais não são escolhidos pelos autores como pano de fundo

* Doutorando em Linguística pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

¹ Dos *loci communes* oriundos da Retórica Clássica Aristotélica, o *topos* pesquisado em *A ceia dominicana* está mais para uma subversão do que seria um *locus amoenus* – um lugar aprazível – uma visão satírica do lugar. Na obra de Reinaldo Santos Neves a representação do espaço é feita de forma controversa, visto que permite a contextualização necessária para as desventuras de Graciano Daemon – ações, todavia, não exatamente negativas como saldo para o personagem principal.

para ações e sim como influenciadores ou beneficiadores das ações dos personagens. Para me basear, irei me valer dos aportes teóricos nos estudos dos espaços, aqui, neste caso, em benefício das criações ou recriações ficcionais, como dos estudiosos BACHELARD (2008), BORGES FILHO (2007), BRANDÃO (2007, 2013), LINS (1976), PANKOW (1988) e DIMAS (1987). Pretendo demonstrar a importância do espaço ficcional nas ações dos personagens, isto é, em que cada espaço arquiteta uma ação. Desta forma, as desventuras de Graciano Daemon só se dariam como foram descritas no espaço ficcional Manguinhos e nas suas regiões de fronteira.

A escolha pela representação de Manguinhos – espaço ficcional homônimo a uma vila litorânea e pesqueira da cidade de Serra, no Espírito Santo – por Reinaldo Santos Neves é decorrente da sua vivência no espaço real e do compartilhamento do modelo mental de que a vila, em sua história, adquiriu lendas amparadas pelas histórias de pescadores, isto é, a capacidade tópica da representação referencial do lugar como um intertexto para o leitor ao fazê-lo trazer à tona modelos de histórias fantásticas e folclóricas comuns em vilas de pescadores, o que Koch (2007, p. 18) confirmou em suas pesquisas com relação ao papel da intertextualidade na literatura:

entre textos literários de gêneros e estilo diferentes (temas que retomam ao longo do tempo, como o do usuário, na Aululária de Plauto, em O avarento, de Molière e em O santo e a porca, de Ariano Suassuna) e o tema da Medéia de Eurípedes, da Medéia de Sêneca e de A gota d'água, de Chico Buarque/ Paulo Pontes; entre diversos contos de fada tradicionais e lenda que fazem parte do folclore de várias culturas, como é o caso do dilúvio e da caixa de Pandora, que são encontrados em muitas mitologias (KOCH, 2007, p. 18).

A vila de Manguinhos era, portanto, tida como tão mágica quanto o *topos* ficcional recriado por Reinaldo. O que corrobora para essa funcionalidade intertextual o papel dos *topoi* enquanto herança objetiva ao atuar como clichê e esquema de pensamento, segundo Kayser (1963, p. 101), com base na investigação do *topos* (*Toposforschung*), por Curtius. Portanto, veremos que a escolha do autor ao nomear o espaço em que seu personagem passaria por

aventuras transformadoras (ou desventuras), está intrinsecamente ligada à influência do espaço para a justificativa de ações pseudofantásticas ou, conforme as palavras de personagens que representam a simplicidade dos moradores das vilas pesqueiras, as “virações”.

A relação entre Graciano Daemon e o espaço ficcional Manguinhos é outro fator a ser observado neste artigo. Graciano representa a visão acadêmica, cética e científica, enquanto Manguinhos representa o absurdo, o inexplicável e a transformação. Graciano e Manguinhos representam uma dicotomia, a princípio. Porém, conforme a própria obra diz: “Ninguém passa por Manguinhos que Manguinhos não muda pra diferente do que era” (NEVES, 2008, p. 24).

A escolha por Manguinhos ou a escolha de Manguinhos?

A onomástica Manguinhos da obra de Reinaldo Santos Neves, *A ceia dominicana*, é o objeto toponímico de análise deste artigo. Esse fictício lugar “mágico” em muito se parece com a sua inspiração, isto é, a pequena vila pesqueira da cidade de Serra, no Espírito Santo. Assim como o *topos* literário, o espaço real foi por muito tempo considerado mágico e especial pelos moradores, passantes e frequentadores de Manguinhos. Não é à toa que Reinaldo Santos Neves a representou tão bem em seu romance e ainda lhe deu um papel tão especial quanto o dado aos seus personagens, pois sem a Manguinhos ficcional, nada do “impossível” que aconteceu com Graciano e os demais personagens seria possível.

A vila de Manguinhos ficcional pode ser considerada um *locus amoenus* reinaldiano. A representação do espaço amável, fantasioso e paradisíaco, porém satírico, remissivo da Antiguidade Clássica para uma obra contemporânea. A escolha espacial pelo autor para o desenvolvimento desejável do romance é sagaz, pois foi encontrado na Manguinhos real os elementos necessários para a construção da Manguinhos ideal para o romance, isto é, elementos naturais agradáveis para uma descrição superficial, porém carregado de modelos mentais

comuns de uma vila de pescadores que dá propensão ao supersticioso e ao erótico. O romance de Reinaldo Santos Neves pode ser comparado ao livro *Satiricon*, de Petrónio, obra latina de 60 d.C., tornando-se um livro neolatino com desenvolvimento satírico em meio a um *locus amoenus* representado oriundo do espaço real capixaba, em que há a junção do descritivo e do cultural. Portanto, Manguinhos nada mais é para Reinaldo do que um espaço apropriado e aprazível para o percurso torto de seu personagem principal, o anti-herói Graciano Daemon.

A ceia dominicana: romance neolatino, de 2008, é uma das três obras de Reinaldo Santos Neves que constitui a "trilogia Graciano", composta também pelas obras *O poema graciano*, de 1982 e *As mãos no fogo: o romance graciano*, de 1983; sem, contudo, estabelecer uma relação de dependência com as outras duas. Esse livro pode ser lido separadamente sem que o leitor tenha uma sensação de falta de contexto ou incompletude narrativa. Essa independência de *A ceia dominicana* transforma a obra em uma experiência literária única, capaz de levar o leitor a reflexões múltiplas quanto à construção psicológica e social dos personagens.

A escolha pela análise do espaço ficcional como um propulsor das ações dos personagens teve por base os meus estudos sobre espaço ficcional no curso de Mestrado que concluí no Programa de Pós-Graduação em Letras da Ufes – Universidade Federal do Espírito Santo, ainda em 2015 e, além de ter-me baseado nas palavras do próprio autor da obra em questão em um debate-papo promovido pelo Neples - Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo -, na própria Ufes, em agosto de 2014, ao questioná-lo, perguntei se a história de Graciano Daemon, em *A ceia dominicana*, poderia se passar em outro lugar diferente de Manguinhos. Para a minha confirmação de tese, Reinaldo respondeu que somente ali, naquele lugar, considerado por ele também como transformador, aquela determinada saga de Graciano se passaria. A afirmativa de Reinaldo corrobora com as palavras de Kayser (1963, p. 105) quando o professor afirma que "é como se em alguns topos fosse tão rico o significado, tão

grande, completo, tão impregnado de emoção, que nunca mais podem perder-se” (SIC).

Como aporte teórico para basear tanto a minha afirmação de que os espaços contribuem para as ações, assim como a afirmação do próprio autor da obra literária de que somente em Manguinhos as ações narradas da saga de Graciano seriam possíveis, busquei nos estudos do professor da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Doutor Oziris Borges Filho, um dedicado pesquisador da importância dos espaços literários, a frase que me sustentou para a construção de minha dissertação: “diferentes espaços engendram diferentes atitudes” (BORGES FILHO, 2007, p. 38). Dessa maneira, teci as 145 páginas do meu trabalho dissertativo, depois transformado em livro (2018).

A escolha de Reinaldo Santos Neves por Manguinhos não foi ao léu ou meramente estilística. O autor, segundo pesquisas de Martinelli Filho (2012), tem uma história construída no lugar, uma memória, um espaço vivido além do texto, uma verdade em seu contexto pessoal, percepções de sua infância e também a manutenção da vivência enquanto adulto. Toda essa experiência contribuiu para a construção mental de um modelo de lugar, compartilhado no imaginário daqueles que vivenciaram a época da mística vila de pescadores, suas lendas e paixões. Mais curioso ainda é que também vivi esse espaço numa época mais recente da vila e estupefatamente construí o mesmo modelo mental do autor. Portanto, estaria a mágica Manguinhos nos usando para perpetuar suas lendas? Escolhemos Manguinhos ou a vila nos escolheu? Estaríamos até hoje enfeitados?

Graciano X Manguinhos

Devemos pensar na condição de Graciano Daemon, personagem principal de *A ceia dominicana* antes de embarcar na aventura por Manguinhos: um jovem acadêmico e poeta, prestes a assumir uma vaga na Universidade Federal do Espírito Santo como docente. Portanto, um homem com “bons atributos” diante

de uma sociedade marcada pelo patriarcalismo. Todavia, a construção do personagem para os dias atuais o desvela como um sujeito preconceituoso e machista, talvez para a época que a narrativa se propõe, não. De todo modo, a mágica vila de Manguinhos iria lhe proporcionar o verdadeiro sentido da sensibilidade – a duras penas – graças ao efeito das “virações” promovido por esse espaço ficcional.

Graciano é construído por Reinaldo como um anti-herói, um herói pícaro, o mesmo que Queiroz (2003) conceitua como oposição ao modelo do herói de cavalaria em seus estudos acerca da obra *Macunaíma*, em que o herói é uma figura sem caráter. No caso da obra de Reinaldo, o personagem é desvelado graças à influência do lugar com relação à sua pseudomoral e as ações que acontecem no decorrer da narrativa que apontam o personagem como um herói “torto”, em que a honra vem da “desonra”, o modelo do homem perfeito e ideal se desfaz, porém o humaniza por meio de suas desventuras proporcionadas pelo espaço literário.

Na obra, Daemon casa-se com Alice, sua então noiva, outra jovem que representava para a época em que a narrativa de Reinaldo se passa, numa típica moça “para casar”, mas ao desconfiar de sua “pureza”, ou melhor, a falta dela e em plena lua de mel, o personagem ata-se de concepções patriarcais e hegemônicas convalidando a norma social de que somente a impureza masculina é permitida socialmente. Para o homem conservador do final da década de 70, a garantia do hímen é um valor moral preservado. Ao abandonar Alice na ficcional Nova Almeida (outro homônimo a um espaço real), procura um lugar “especial” para curar sua dor e orgulho ferido e eis que encontra a vila de Manguinhos, como encontramos na passagem que retrata a chegada do personagem ao *topos* literário: “Sou Graciano Daemon, venho de Nova Almeida, aonde me levou um compromisso muito importante, e se vim pra Manguinhos foi porque senti que precisava mais que tudo arejar a cabeça num lugar como este” (NEVES, 2008, p. 31).

A “viração” nas palavras da personagem Dona Sé inicialmente não é compreendida por Graciano em seu primeiro contato com o lugar: “Manguinhos é um lugar onde o que tem que acontecer acontece. É lugar mágico, cheio de maravilha, fantasia, sombração, milagre, viração de uma coisa para outra.” (NEVES, 2008, p. 24). De todo modo, Graciano aventura-se no desconhecido labirinto da vila para se curar e, inicia-se daí uma série de desventuras avisadas por Dona Sé que corroboram as suas palavras: “Ninguém passa por Manguinhos que Manguinhos não muda pra diferente do que era” (NEVES, 2008, p. 24), isto é, agir sobre a personalidade do personagem e transformá-la ao ponto de virá-la de ponta-cabeça. Manguinhos, portanto, interage com o personagem principal, dando-lhe condições de se perder, de se transformar e de aprender.

O efeito mágico de Manguinhos, portanto, a princípio, é ignorado por Graciano, mesmo porque a apresentação do personagem leva o leitor a compreendê-lo como um sujeito cético, por ser um jovem acadêmico da “cidade grande” e seu ceticismo ser colocado em xeque em inúmeros momentos. Por mais que o efeito fantástico da vila não seja algo comprovado ou, pelo menos, posto pelo autor como característica de uma narrativa fantástica, o efeito mágico fica na imaginação e na construção restrita dos personagens por meio de um inebriante olhar sobre Manguinhos, algo típico que pode ter ocorrido com qualquer pequena vila de pescadores no final da década de 70, em que as superstições e as fantasias fizeram parte do imaginário das pessoas simples desses lugares. Não é à toa que as famosas “histórias de pescador” são carregadas de imaginação fértil, como nos contos fantásticos, em que a representação do real e o absurdo se juntam e essas histórias foram repassadas aos que circundam vilas semelhantes à vila de Manguinhos, como bem tratou Ana Claudia Mafra da Fonseca (2009) em seu livro, resultado de sua pesquisa de doutorado sobre as culturas populares que envolvem os pescadores:

Assim, a magia, o encantamento, o fantástico, a assombração, enfim, elementos ligados a um contexto que escapa ou que transgride as relações humanas ou naturais, estão intimamente vinculados à cosmogonia, à visão de mundo dessas camadas sociais. Não é de se estranhar, então, que tais elementos encontrem-se disseminados nas narrativas (FONSECA, 2009, p. 296).

Apesar das “virações” e das desventuras, a fictícia Manguinhos não proporciona infelicidade durante a passagem de Graciano. O desastroso trajeto por Manguinhos trouxe um saldo positivo para o personagem, o que corrobora a influência dos espaços a partir dos estudos de Gaston Bachelard (2008), de que a condição para haver uma topoanálise é a existência da felicidade entre o espaço vivido e o personagem. Parto da classificação do próprio neologismo criado pelo filósofo que considera o termo como um “estudo psicológico sistemático dos locais de nossa vida íntima” (2008, p. 28). O efeito da topofilia, isto é, o saldo positivo proporcionado pelo lugar é, portanto, observado na relação de felicidade, mesmo em controversas situações, entre o personagem e o espaço ficcional. De todo modo, somente o lugar não é capaz de proporcionar esse efeito sem que haja a ambientação, o que segundo Borges Filho (2007, p. 50), corresponde à “soma de cenário ou natureza mais a impregnação de um clima psicológico”. Esse clima ora desastroso ora erótico encontrado na obra reinaldiana é transmitido ao leitor de *A ceia dominicana* em toda a sua extensão narrativa.

A “mágica” Manguinhos

A atmosfera mágica da Manguinhos ficcional, o *locus amoenus*, está interligada à perpetuação do estado fantástico da vila litorânea do final dos anos 70 que serviu como referência espacial para a obra. As histórias de pescador, as virações e o efeito desse espaço na passagem do personagem Graciano dá o tom que Reinaldo espera para a sua construção. O personagem é acrescido da referência do clássico, por meio das inevitáveis comparações com *Satiricon*, de Petronio. Na Manguinhos de Reinaldo encontraremos histórias de sereias, como a captura de um desse seres que serviria de jantar para moradores ilustres do lugar:

Por um golpe de sorte, os pescadores de Manguinhos pescaram hoje de manhã um peixe muito raro, raríssimo, que todos eles juram de pés juntos que nunca viram coisa igual: na verdade não é peixe, é um mamífero, porque tem tetas que nem mulher. Em outras palavras, é uma SEREIA, que, graças a Nossa Senhora da Penha, vamos ter o

privilégio e o prazer de consumir como prato-chefe do nosso jantar. Um murmurinho tomou conta da mesa: Dizia um: Uma sereia? Dizia outrem: Uma sereia! E o terceiro: Uma sereia?! O cidadão, então: Uma sereia, sim, senhores (NEVES, 2008, p. 466).

Segundo Brandão (2013), na relação extratextual da narrativa com o mundo real no que se refere ao *topos*, principalmente quando existe uma relação tão próxima entre a Manguinhos real e a ficcional, há uma suposta intenção do autor em inserir simbolismos e significados à ficção, que permitirão ao leitor, a partir da descrição características físicas e atmosfera semelhante, a construção de imagens a partir da leitura. Portanto, haverá compreensão do cenário tal qual o autor provavelmente desejaria. Todavia, o imagético do leitor não será exatamente ou integralmente a imagem autoral conceituada. De todo modo, nem a recriação de um espaço baseado em um espaço real e vivido pelo autor será uma imagem fidedigna à realidade. Além do que, os estudos literários devem ater-se ao universo literário: personagens, tempo, espaço etc. Nessa perspectiva, baseio-me no que o pesquisador Osman Lins diz: "Note-se ainda que o estudo do tempo ou do espaço num romance, antes de mais nada, atém-se a esse universo romanesco e não ao mundo" (LINS, 1976, p. 64).

Graciano percebe por meio da interação as influências de Manguinhos logo ao chegar na vila: "A prainha tranquila e mansa, de alvas areias e suaves marolas, recebeu-me com boa cara e me pôs à vontade" (NEVES, 2008, p. 35). Interessante observarmos o *status* dado ao *topos* por Reinaldo, visto que em certo momento Manguinhos quase é "personificada" pelo autor, o que colabora para corroborarmos o efeito manipulador desse espaço, em que há uma "cara boa" e "vontade".

Os efeitos de Manguinhos promovem "viração" até na sexualidade do jovem "padrão" heterossexual construído a partir de uma sociedade patriarcal, como é o caso de Graciano. A obra trata de uma passagem homoerótica em que Daemon reencontra Átis, irmão de seu melhor amigo de infância e também sua paixão platônica, Áquila. O quarto de Átis recria o efeito psicológico de nostalgia e a homo ou bissexualidade até então encubada de Graciano, graças à passagem

temporal para a fase adulta. Lins (1976) aponta a responsabilidade do espaço como um colaborador da transgressão comportamental do personagem, porém não de forma negativa, mas sim, como um “libertador de energias secretas”. Na obra, além de Átis lembrar o irmão mais velho, a paixão de infância de Graciano, o episódio homoerótico acontece no quarto e na cama (de casal) dividida por dois homens.

Átis também sofreu uma transformação na “mágica” Manguinhos. Antes Átila Brás Rubim, Átis conta a Graciano a sua “viração” em meio a uma espécie de ritual:

E foi ali mesmo em Manguinhos. Manguinhos é um lugar mágico, cheio de energia. Como um novo Adão, renasceu do barro. Escolheu um trecho de estrada, um lamaçal: chovera sem parar a semana inteira. Foi à noite, e foi lindo. Acendeu velas, treze velas, no lamaçal, em torno do berço de seu renascimento. Despiu-se todo das roupas que usava como Átila e deitou-se na lama. Amigos com pás cobriram-no de barro, cobriram-no totalmente, e ali ficou ele, sepulto em seu jazigo, durante uma hora, enquanto os amigos entoavam mantras. Dali se ergueu, então, renascido e purificado. (NEVES, 2008, p. 163).

A Manguinhos de Reinaldo, além de transformadora, é o espaço escolhido pelas mulheres “transformadas pela natureza”, correspondente às mulheres hermafroditas, ou seja, pessoas intersexuais. O desconhecimento da sociedade com relação às pessoas nascidas com dois sexos ou com anomalias ou deformações nas genitais, dentro de uma narrativa literária que retrata o pensamento do final da década de 70 numa vila de pescadores em que a magia faz parte do cotidiano, fez com que o imaginário nesse espaço as constituíssem como seres “abençoados”, afinal não possuíam apenas um sexo, mas sim os dois. Em outros casos, sexos mudados. O fantástico espaço de Manguinhos permitiu a essas mulheres o acolhimento necessário para se reunirem como um grupo místico, com ritos condizentes às seitas pagãs.

Sim, irmãs, disse a rainha-mamãe, se a natureza produziu andróginos no reino vegetal e no reino animal, por que não produziria também seres humanos que portem em si ambos os sexos? Não, não somos aberrações da natureza, somos produtos raros e muito especiais, somos diamantes da natureza. Algumas de nós nasceram com ambos os sexos; outras, como eu mesma, mudamos de sexo várias vezes ao

longo da vida; outras, por fim, nasceram com um só sexo definido e, por intervenção da natureza, receberam um segundo sexo em algum momento posterior de suas vidas. Somos seres abençoados; somos seres sagrados; somos seres dignos de veneração e respeito. Somos criaturas especiais e muito amadas da mãe natureza (NEVES, 2008, p. 218).

Algumas outras “virações” promovidas por Manguinhos são mais sutis, conforme poderá ser observado no primeiro fragmento da obra subsequente a este parágrafo, sem, contudo, serem essas transformações menos importantes para a obra de Reinaldo Santos Neves. Graciano percebe o poder de transformação do *topos* nos mínimos detalhes, mudanças internas semelhantes a essas que ele espera para si e para sua alma durante a sua passagem pela vila mágica:

Na rua, o sujeito de basta cabeleira grisalha, olhando a brincadeira das crianças, em dado ponto não resistiu: estendendo a mão a Dona Mandona, foi também puxado e deu sua corridinha: aí, diante dos meus olhos, operou-se o milagre da metamorfose: o digno senhor, abrindo os braços e escancarando a boca, converteu-se num pétreo cantor de ópera. Seu companheiro bateu sinceras palmas; as crianças riam. O velho deu de novo a mão à menina e, depois de nova e milagrosa petrificação, vi-o, de mão esquerda espalmada atrás das costas e braço direito estendido com uma quase visível carta de suicida entre os dedos, o exato sócia da estátua de Getúlio Vargas na larga esplanada da Capixaba, lá na cidade de Vitória das sete pontes. Uma terceira transformação processou-se a seguir, e ei-lo, todo curvado e furtivo, pisando o chão com a ponta dos pés, personificando o que imaginei só podia ser um ladrão na noite. [...] Dona Sé tinha razão: em Manguinhos, tudo muda de ser uma coisa para ser outra (NEVES, 2008, p. 107-108).

Ademais, dormir para e por quê, se na arenosa Manguinhos pusera a esperança de decorrer alguns dias e noites em claro, ingurgitando-me de bem-estar e de bel prazer para restaurar a saúde moral de minha alma? (NEVES, 2008, p. 120).

A profanação e o desrespeito por Graciano Daemon ao espaço Manguinhos representado na passagem abaixo descrita por suas águas marinhas, não aqui como natureza empírica, mas como paisagem, visto a interação homem/natureza (BORGES FILHO, 2007), retrata a reação do espaço às ações por ele não permitidas e, dessa forma, a consequente vingança desse *topos*. Esta passagem é uma das provas de que Reinaldo atribuiu ao espaço o mesmo *status* do personagem principal. Graciano reflete a sua característica de herói pícaro em

suas desventuras no decorrer da narrativa ao quebrar as regras desse divino espacial. Tal fato é criticado por Cristácia, que faz um resumo do comportamento transgressor de Graciano neste lugar considerado “sagrado”:

Contei meu insucesso com Eugênia. Cristácia ficou pensativa. Você teve alguma relação sexual recente? Calculei de modo mentalmente e disse: Três. Ela perguntou: Três? Em quantos dias? Em três dias, eu disse. Com a mesma mulher? Não, cada dia com uma mulher diferente. Ela, que nem uma médica, estava fazendo a anamnese do meu caso. Pediu detalhes. Dei: A primeira foi num quarto de hotel, a segunda na praia, a terceira no carro. Cristácia: Na praia? Dentro d’água? Eu disse: Não pode não? Cristácia: Você não sabe que o mar é sagrado? Como é que você profana as águas do mar com uma foda, cara? Eu disse: Mas não cheguei a gozar, só quem gozou foi ela. Cristácia: Isso não importa. O mal foi feito. Dentro do mar não se fode, não se caga, não se mija, seu ignorante. Nem parece que tem estudo. Alguma coisa na minha expressão do rosto acendeu nela uma suspeita. Não me diga, disse ela, que você também cagou e mijou no mar. Meneei a cabeça afirmativamente. Então, suspirou ela, está explicada a coisa. As divindades marinhas estão castigando a sua falta de respeito. O que você pode fazer é jogar algumas oferendas no mar em sinal de penitência (NEVES, 2008, p. 256-257).

É nesse contexto mágico e de viração que o espaço ficcional composto pela vila de Manguinhos é capaz de dar um novo sentido a Graciano Daemon mesmo diante das hostilidades, das desventuras ou das aventuras satíricas, do seu adentramento no labiríntico espaço de perdição. Nesse sentido Gisela Pankow, com relação à vivência no espaço, afirma: “É a dinâmica ‘oculta no espaço’ que dá um sentido ao absurdo” (PANKOW, 1988, p. 55). A autora se baseia em certas situações-chave relacionadas ao espaço em que o personagem encontra o sentido no absurdo. Em sua obra, cita como exemplo a *Crônica de uma morte anunciada*, de Gabriel Garcia Marquez, para justificar o sentido da morte do personagem que se dá no oculto espaço da porta trancada (p. 55-56).

Este artigo teve como objetivo salientar a importância do espaço ficcional nas obras literárias e utilizou como exemplo *A ceia dominicana: romance neolatino*, de Reinaldo Santos Neves (2008). Nela podemos constatar o quão fundamental é a escolha do lugar pelo autor para o desenvolvimento da narrativa literária, seja o espaço de representação do real ou não.

Com base nos estudos dos espaços podemos constatar por meio dos exemplos retirados da obra de Reinaldo Santos Neves a função do *topos* literário para a “viração” não só do personagem principal Graciano, assim como outros que permeavam a vila mágica de Manguinhos. As transformações, segundo o autor, só poderiam ocorrer naquele lugar.

O espaço ficcional, portanto, não pode ser visto dentro das obras literárias somente como pano de fundo para uma construção narrativa, mas sim, o espaço deve ser um proporcionador de ações dentro da obra, ou seja, ele dá condições para que a narrativa se desenvolva e, dessa forma, as ações estarão condizentes aos espaços escolhidos.

A Manguinhos de Reinaldo Santos Neves em *A ceia dominicana* é uma escolha baseada em sua vivência no espaço homônimo e de um modelo mental construído não só autor, mas também por outras pessoas que vivenciaram a Manguinhos real. De todo modo, Reinaldo repassa magistralmente aos leitores que não puderam viver as suas experiências em Manguinhos, o mesmo sentido fantástico no seu espaço literário, o que permite ao leitor compreender a função daquele lugar na vida de seu personagem, Graciano Daemon.

Referências

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. 2. ed. São Paulo: Martins Pontes, 2008.

BORGES FILHO, Oziris. *Espaço e literatura: introdução à toponálise*. Franca: Ribeirão, 2007.

BORGES FILHO, Oziris. O espaço da narração e o espaço da narrativa. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 37, p. 341-347, 2007.

BRANDÃO, Luis Alberto. Espaços literários e suas expansões. *Aletria*, Belo Horizonte, v. 15, p. 207-220, 2007. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1397>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

BRANDÃO, Luis Alberto. *Teorias do espaço literário*. São Paulo: Belo Horizonte, MG: Fapemig, 2013.

- DIMAS, Antonio. *Espaço e romance*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.
- FONSECA, Ana Cláudia Mafra da. *Histórias de pescador: as culturas populares nas redes narrativas: Paraty, Nísia Floresta – RN*. Natal: IFRN, 2009.
- KAYSER, Wolfgang. *Análise e interpretação da obra literária: introdução à ciência da literatura*. 3. ed. portuguesa totalmente revista pela 4. ed. alemã por Paulo Quintela. Coimbra: Arménio Amado, 1963.
- KOCH, Ingedore G. Villaça et al. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2007.
- LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.
- MARTINELLI FILHO, Nelson. *Confissão e autoficção na obra de Reinaldo Santos Neves*. 2012. 166 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004.
- NEVES, Reinaldo Santos. *A ceia dominicana: romance neolatino*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- PANKOW, Gisela. *O homem e seu espaço vivido*. Tradução de Flávia Cristina de Souza Nascimento. Campinas: Papyrus, 1988.
- PETRÔNIO. *Satiricon*. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Abril Cultural, 1981.
- QUEIROZ, Amarino Oliveira de. Do Lazarillo de Tormes a Macunaíma (notas sobre a picardia e a malandragem). *Cadernos de Literatura e Diversidade*, Feira de Santana, v. 2, p. 35-44, 2003.
- SESSA, Ariel. *A toponímia em A ceia dominicana: romance neolatino, de Reinaldo Santos Neves*. 2015. 141 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.
- SESSA, Ariel. *A toponímia em A ceia dominicana: romance neolatino, de Reinaldo Santos Neves*. Beau Bassin: Novas Edições Acadêmicas, 2018.
- TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

RESUMO: Este artigo tem como objetivo apontar a importância do espaço literário na construção da narrativa dos romances com relação às ações dos personagens. Para isso foi escolhido o *topos* ficcional Manguinhos do livro *A ceia dominicana: romance neolatino*, de Reinaldo Santos Neves (2008). Como aporte teórico sobre a temática do espaço

foram utilizados os estudos de Bachelard (2008), Borges Filho (2007), Brandão (2007, 2013), Dimas (1987), Lins (1976), Pankow (1988), além da minha pesquisa sobre o espaço literário (2015; 2018). O trabalho pretende demonstrar por meio dos exemplos colhidos do livro o valor do espaço e a sua contribuição para as transformações ocorridas nesse romance de Reinaldo Santos Neves.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa – Espaço literário. Manguinhos – Espaço literário. Reinaldo Santos Neves – *A ceia dominicana: romance neolatino*.

ABSTRACT: This article aims to point out the importance of literary space in the construction of narrative novels in relation to the actions of the characters. For that was chosen the fictional *topos* Manguinhos of the book *A ceia dominicana: romance neolatino*, of Reinaldo Santos Neves (2008). As a theoretical contribution on the theme of space, the studies of Bachelard (2008), Borges Filho (2007), Brandão (2007, 2013), Dimas (1987), Lins (1976), Pankow (1988), besides my research on the literary space (2015; 2018). The work intends to demonstrate through the examples collected from the book the value of space and its contribution to the transformations that occurred in this novel by Reinaldo Santos Neves.

KEYWORDS: Narrative – Literary Space. Manguinhos – Literary Space. Reinaldo Santos Neves – *A ceia dominicana: romance neolatino*.

Recebido em: 29 de janeiro de 2019.

Aprovado em: 19 de março de 2019.